| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |

| Recebido: 12 Mar. 2026 | Aceito: 20 Jul. 2026 | Publicado: 27 Jul. 2026 |

Pai Rico, Pai Pobre: entre o empreendedorismo financeiro e as armadilhas da meritocracia

Rich Dad, Poor Dad: between financial entrepreneurship and the pitfalls of meritocracy

Rodrigo Marciel Soares Dutra [1]
https://orcid.org/0000-0003-3952-535X

RESENHA CRÍTICA

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai rico, pai pobre:** O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Trad. Maria José Cyhlar Monteiro. 43ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 186 p.

Escrito por Robert T. Kiyosaki e Sharon L. Lechter, Pai Rico, Pai Pobre é uma obra que transcendeu o status de best-seller e consolidou-se como um dos livros mais influentes sobre educação financeira voltada ao público leigo. Lançado originalmente em 1997 e publicado no Brasil em 2000 pela Editora Campus, o livro propõe uma abordagem alternativa à tradicional relação entre trabalho, renda e sucesso econômico. A partir da contraposição simbólica entre duas figuras paternas — o "pai pobre" (biológico, acadêmico, assalariado) e o "pai rico" (mentor, empreendedor, investidor) — o autor apresenta seis lições fundamentais que, segundo ele, moldaram sua independência financeira.

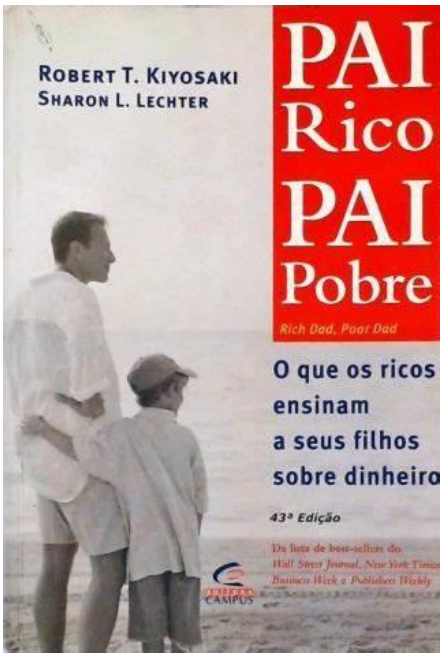

Figura 1. Capa do livro "Pai rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro".
Fonte: O Autor.

Embora o livro cumpra um papel importante ao democratizar conceitos como ativos, passivos, renda passiva e educação financeira, sua narrativa é carregada de simplificações que requerem leitura crítica. Kiyosaki argumenta que "os ricos não trabalham por dinheiro", mas

[1] Doutorando em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, rodrigo.dutra.gyn@gmail.com.

fazem o dinheiro trabalhar para eles. A metáfora da “corrida dos ratos”, amplamente utilizada no texto, serve como crítica à rotina assalariada e à ilusão de segurança financeira proporcionada por empregos formais. Embora provocativa, essa crítica ignora o contexto histórico e social que condiciona o acesso a recursos, educação e oportunidades.

A ideia central de que a alfabetização financeira — entendida como a habilidade de diferenciar ativos de passivos — é o pilar da riqueza, carece de nuance. Segundo Kiyosaki, um ativo é qualquer coisa que coloque dinheiro no bolso, como imóveis para aluguel ou royalties, enquanto um passivo é aquilo que consome recursos, mesmo que tradicionalmente seja considerado um patrimônio, como a casa própria. Essa visão contábil é funcional para investidores, mas falha ao desconsiderar a importância socioafetiva e a estabilidade que bens como a casa própria oferecem, especialmente em países periféricos e contextos de insegurança habitacional.

O livro também destaca a importância da criação e aquisição de ativos como negócios independentes, imóveis, ações e propriedade intelectual. Exemplos como o de Ray Kroc, fundador do McDonald’s, reforçam a valorização da renda passiva e do pensamento estratégico. Contudo, o texto desconsidera barreiras como acesso ao capital, letramento financeiro prévio e redes de apoio. A fórmula proposta, ainda que sedutora, é mais acessível a indivíduos já inseridos em contextos de privilégio.

Outro ponto delicado diz respeito às estratégias fiscais apresentadas. Kiyosaki não apenas defende o uso de sociedades anônimas como forma de proteção patrimonial e redução de tributos, mas naturaliza a lógica da evasão tributária legal. A crítica à carga tributária que recai sobre a classe média é pertinente, porém esvaziada de reflexão ética. O livro silencia sobre as consequências sociais da não tributação progressiva e da precarização de políticas públicas decorrente da evasão fiscal dos mais ricos.

A quinta lição, sobre a criatividade financeira, estimula a busca de oportunidades "invisíveis", o que, em teoria, pode incentivar a inovação. No entanto, o livro fornece exemplos baseados em operações especulativas, como investimentos em imóveis tomados por execução, sem considerar os riscos envolvidos ou o impacto social dessas práticas. Ao romantizar o “investidor visionário”, Kiyosaki reforça um modelo de empreendedorismo que pode incentivar comportamentos predatórios, caso não haja reflexão crítica sobre o contexto e os efeitos das ações econômicas.

O conteúdo se encerra com uma valorização do aprendizado multifuncional. Ao defender que se deve “trabalhar para aprender, e não para ganhar dinheiro”, o autor valoriza o desenvolvimento de múltiplas competências, como vendas, liderança e gestão. Embora essa perspectiva seja valiosa para a formação empreendedora, ela desmerece o papel da educação formal, especialmente em contextos em que o acesso à instrução ainda é uma via de ascensão social. Ao citar casos de sucesso fora da universidade, Kiyosaki ignora que esses indivíduos detinham outras formas de capital — social, cultural, tecnológico — que não estão ao alcance de todos.

A obra é, portanto, atravessada por uma ideologia meritocrática. Sugere que a riqueza é uma questão de mentalidade e que a pobreza decorre de escolhas equivocadas. Tal concepção negligencia as

estruturas que determinam a desigualdade: racismo, patriarcado, colonialismo, desigualdade educacional, entre outras. Ao adotar essa abordagem, o livro oferece uma ilusão de mobilidade social que pode ser prejudicial, ao responsabilizar o indivíduo por sua posição econômica sem questionar o sistema que o oprime.

Do ponto de vista metodológico, Pai Rico, Pai Pobre também carece de fundamentação empírica e rigor científico. Baseia-se em narrativas pessoais e generalizações, sem apresentar dados, estudos comparativos ou referências bibliográficas. Isso compromete sua validade como obra de formação crítica, embora não diminua sua eficácia como ferramenta de motivação pessoal.

É necessário reconhecer, entretanto, que a linguagem simples e direta adotada por Kiyosaki torna o livro acessível a um público amplo. Isso, por si só, representa uma contribuição relevante: popularizar a discussão sobre dinheiro e investimentos em uma sociedade marcada pelo analfabetismo financeiro. Ao criticar a ausência de educação financeira nas escolas, o autor contribui para um debate urgente e necessário. A questão é que sua proposta é parcial e insuficiente para lidar com as complexidades da vida econômica real.

Em um mundo pós-pandemia, onde a precarização do trabalho, o endividamento e a financeirização da vida são fenômenos crescentes, os princípios defendidos por Kiyosaki exigem revisão crítica. Plataformas digitais de investimento, criptomoedas e novos modelos de trabalho autônomo apresentam oportunidades, mas também riscos e armadilhas para quem busca autonomia financeira.

Em suma, Pai Rico, Pai Pobre é um ponto de partida útil para despertar o interesse por finanças pessoais, mas não deve ser tomado como modelo absoluto ou receita universal. Para uma compreensão mais profunda da dinâmica da riqueza e das desigualdades, recomenda-se a leitura de obras como O Capital no Século XXI, de Thomas Piketty, e estudos de Annamaria Lusardi e Olivia Mitchell sobre letramento financeiro e política pública. Assim, o maior valor do livro talvez não esteja nas respostas que oferece, mas nas perguntas que provoca — e no impulso inicial que fornece para que cada leitor busque caminhos próprios e mais informados para alcançar sua liberdade econômica.

Referência

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai rico, pai pobre:** O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Trad. Maria José Cyhlar Monteiro. 43ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 186 p.

Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.